

# Estereótipos e socialização

Luis Antônio Monteiro Campos  
Professor do Programa de Mestrado de Psicologia da UCP

**Resumo:** Este artigo aborda os meios de difusão dos estereótipos que ocorrem através da socialização e da aprendizagem social. Para formarmos um estereótipo é necessário aderir a uma crença e compartilhá-la com um grupo. As crenças surgem em vários locais e circunstâncias de nossas vidas, tanto no contato pessoal quanto através dos meios de comunicação - televisão, rádio e mais recentemente a internet. A infância é o período do desenvolvimento humano onde aderimos ao maior número de crenças e o período em que obtemos estereótipos que se tornarão muito influentes em nossa percepção e relacionamentos interpessoais.

**Palavras-chave:** Cognição social, crenças, estereótipos

**Abstract:** This article approach the means of diffusion of the stereotypes that happen through the socialization and of the social learning. For we formed a stereotype is necessary to adhere to a believe and to share her/it with a group. The believes appear in several places and circumstances of our lives, so much in the personal contact as through the communication means - television, radio and more recently the internet. The childhood is the period of the human development where we adhered to the largest number of faiths and the period in that we obtain stereotypes that if they will turn very influential in our perception and interpersonal relationships.

**Keywords:** social cognition, believes, stereotypes

## 1. Introdução e Socialização

É mediante o processo de socialização que um novo membro da espécie humana adquire recursos e habilidades sociais, possibilitando-lhe o reconhecimento como membro de um grupo, podendo assim ajustar-se da melhor maneira possível ao seu ambiente. A socialização atua na formação global do indivíduo.

Segundo Newcomb (1999, p. 338) “A socialização é o processo através do qual as crianças adquirem comportamentos, habilidades, motivações, valores, convicções e padrões que são característicos, apropriados e desejáveis em sua cultura”.

Esta definição adota o termo socialização para se referir apenas à infância, podendo ser considerada como limitada. Neste trabalho adotamos a definição de Krüger (1986, pg. 42) que a descreve como “um processo que nos torna aptos à convivência, intercâmbio e ajustamento psicológicos, qualquer que

seja o sistema sociocultural tomado referência.”

Adotamos esta definição por compreender a socialização como sendo um processo evolutivo que se dá ao longo do desenvolvimento da pessoa nas diferentes etapas da vida, ou seja, este processo não possui um tempo delimitado para ocorrer e nunca cessa, a rigor, é um processo que se realiza em todo ciclo da vida.

Durante este processo, somos levados a entender e categorizar o mundo que nos rodeia e formamos as idéias de quem somos e os papéis a desempenhar. A socialização nos prepara para lidar com o mundo social, descobrimos a que grupo pertencemos e a que grupo não pertencemos. Neste processo de diferenciação grupal, o sujeito recolhe informações generalizadas sobre os outros grupos. Sendo esta também a origem da formação de estereótipos.

Estamos destinados a entrar em contato com determinados estereótipos a partir do nascimento, sendo a infância o momento de maior aceitação de crenças e estereótipos. Porém, os estereótipos não nos são oferecidos e aceitos sem grandes dúvidas; as dúvidas começam a ocorrer na pré-adolescência e na adolescência, épocas de maior questionamento em relação a crenças e valores em geral, inclusive estereótipos.

Da mesma forma que a socialização contribui na formação de estereótipos, ela também os pode eliminar ou modificar. A formação de novos estereótipos, mudança ou eliminação é potencialmente possível até o último momento de nossas vidas. Este aspecto é importante, pois mostra a dinâmica da estereotipia ao longo do tempo, sendo até mesmo um aparente paradoxo, pois os estereótipos têm um caráter estático em relação a características imputadas a outros grupos. Porém, todo processo subjacente de criação e substituição é dinâmico. E é precisamente este aspecto dinâmico que nos permite crescer, desenvolver, mudar de crenças e mudar nossa visão do mundo.

Este processo não é unidirecional, de modo que tanto influenciemos como somos influenciados por pessoas e pelo meio sociais. Certamente, a intensidade do processo varia de acordo com a posição assumida pelos indivíduos envolvidos. Uma mãe, a princípio, influencia muito mais um bebê do que o inverso no que diz respeito aos aspectos da socialização. Assim como, apesar de controverso, parece que os pares influenciam mais aos adolescentes que seus pais.

O processo de socialização ocorre através de seus agentes, que são pessoas, grupos, instituições que participam deste processo, tais como pais, irmãos, amigos, professores, padres assim como a televisão e outros meios de comunicação.

## **2. Revisão de Literatura**

### **2.1. Família**

Embora haja diversos agentes que podem influenciar as pessoas de modos diferentes, normalmente a família é a parte mais importante do ambiente social da criança. Por esta razão, o ambiente familiar geralmente é considerado como agente primário e mais poderoso de socialização, com o papel primordial de moldar a personalidade e as motivações; de guiar o comportamento social; e de transmitir crenças, estereótipos, valores, convicções e padrões culturais.

Antes de a criança ser inserida no meio escolar, a maioria delas, em nossa sociedade, vive principalmente no ambiente familiar, no qual ela irá adquirir experiências que serão de grande importância para o desenvolvimento de sua personalidade. Nos primeiros anos de vida, as condutas dos pais constituem uma referência observacional diária e constante na vida da criança. Estas, crêem que os pais têm todas as respostas e sabem o que fazer em todas as situações. A orientação social dos pais - suas crenças e estereótipos sobre os outros - influenciam suas interações com os filhos. Eles chamam a atenção de seus filhos para os sentimentos e motivações dos outros e os encorajam a refletir sobre seu próprio comportamento e emoções. Esta orientação contribui para o desenvolvimento da compreensão das crianças, seu senso de responsabilidade pessoal e de autonomia. Assim, as cognições dos pais - suas inferências sobre o comportamento das crianças e suas motivações e suas convicções - as crenças e os estereótipos, são determinantes significativos de suas práticas de criação e de suas técnicas disciplinares. No entanto, as ideias sobre a infância e a atividade de ser pai e mãe não são fixas nem imutáveis. As convicções sobre criação de filhos podem mudar de formas

fundamentais como resultado da experiência de criar um filho, da percepção das diferenças entre irmãos, dos conselhos de pais mais experientes sobre como lidar com situações novas (por exemplo, preparar a criança para a escola) e como resultado de consultas a especialistas, especialmente quando as crianças têm problemas de saúde ou problemas psicológicos. Entretanto, as funções ligadas à socialização de crianças e adolescentes são cada vez menos desempenhadas pela família, que as direciona para o sistema educacional e os meios de comunicação social. Este processo não é de forma alguma recente, a partir do século XVII a aprendizagem social vai deixando de se realizar através do convívio direto com os adultos, sendo substituído pela educação escolar. A instituição familiar contemporânea brasileira sofreu profundas mudanças com a passagem da economia agrícola para a industrial. Deixou de ser numerosa e comunitária, reduzindo-se ao núcleo familiar (pai, mãe e filhos). As crianças foram privadas do convívio com os avós, aumentando a lacuna que separa a geração jovem das gerações precedentes. Com a incorporação da mulher no mercado de trabalho, tomou-se necessário delegar os cuidados com os filhos a outrem - creche, babá, vizinha, avó, etc. Com essas modificações as famílias modernas, a casa familiar - o lar - começam a deixar de constituir-se no centro obrigatório do encontro, reduzindo os contatos tanto ao nível quantitativo quanto qualitativo, enfraquecendo a aquisição de normas éticas e, sobretudo do apoio mútuo.

A convivência familiar, se reduziu consideravelmente e, mesmo no tempo livre, a família encontra-se passiva e silenciosamente assistindo televisão, que ganha cada vez mais espaço na formação de crianças e adultos. Muitas vezes a família se reúne em torno ou da televisão sem a intenção de troca. O tempo despendido diante da televisão vem aumentando e trazendo sérias conseqüências, como falta de tempo para o diálogo familiar, redução das brincadeiras em grupo, e banalização da violência; estimulação erótica; embotamento da iniciativa e da criatividade, entre outras prováveis conseqüências.

As separações dos casais, que se intensificaram a partir dos anos setenta, é hoje um fato que transformou os estilos das famílias, onde a grande maioria dos casais não lida com essa situação de forma positiva a fim de resguardar psicologicamente os filhos. O fato é que o papel da família está se alterando; sendo ela tradicionalmente a maior responsável pela transmissão das tradições e

dos valores, com seu enfraquecimento, esta função é delegada muitas vezes à escola.

É em meio a esse quadro que a criança começa a entrar na adolescência - cujas transformações biopsicossociais ocorrem com tamanha rapidez e intensidade que desestabiliza o sistema familiar como nenhuma outra fase da vida, demandando novos ajustes para manter as relações e a saúde mental.

Na interação entre pais e adolescentes, temos um momento especial de confrontação de crenças e estereótipos, pois nesta fase da vida os adolescentes tendem a criticar e a refutar tudo que lhe será dito anteriormente. Neste momento, as atitudes dos adolescentes levam seus pais à reflexão de vários pontos que até então eram aceitos como verdades absolutas. Um exemplo claro é o do pai que acredita que adolescentes que ficam em boates até de madrugada agem desta forma porque seus pais não são muito responsáveis. No momento em que seu filho se torna um adolescente e começa a adotar este comportamento, ele revê sua posição - anteriormente tida como certa - para se colocar em dúvida. Nesta dúvida, poderá ocorrer uma mudança em seus estereótipos acerca dos pais de adolescentes que ficam em boates até tarde.

Nesta interação entre pais e filhos adolescentes, crenças e estereótipos são colocados em dúvida com grande frequência, pois no processo de estereotipia cada membro do grupo reflete ao percebido o grupo inteiro, ou seja, se o pai de um adolescente não é irresponsável (certamente uma crença aceita por este pai em relação a si mesmo), é possível que o grupo de pais de adolescentes também não o seja.

É importante notar que à medida que a criança cresce, aumentam seus contatos fora de casa, de modo que ela pode colocar os pais e a família num quadro de referência social mais amplo. Adquirir uma visão de sua família, ao mesmo tempo em que entra em contato com outras famílias e outros modelos de comportamento. Com a ampliação de seus horizontes sociais, os pais perdem sua importância enquanto presença física, diária e imediata. Sua influência é diluída entre outras forças sociais.

## **2.2 Escola**

Ao atingir a idade escolar, a criança passa a estar submetida à ação de uma primeira instituição social, que é igualmente um agente poderoso de

socialização, a escola. Normalmente a educação formal inicia-se com a idade de 6 a 7 anos, realizada em estabelecimentos públicos ou particulares de ensino. Porém muitas crianças em razão do nível econômico e social ingressam tardiamente, com dez ou doze anos de idade enquanto outros ingressam precocemente, já que elas freqüentam pré-escolas ou creches. Todos estes tipos de escolas constituem pequenos sistemas sociais, nos quais as crianças aprendem regras de moralidade, convenções sociais, posturas e modos de se relacionar com os outros, assim como habilidades escolares.

É através da escola que se introduz a palavra escrita, que separa as palavras das coisas, torna possível o discurso abstrato e abre a via para o pensamento formal. O fato de freqüentar a escola tem, pois grandes conseqüências no desenvolvimento intelectual o que, por sua vez, condiciona os padrões de socialização. Além disso, nossa sociedade exige de seus membros algumas habilidades escolares - pelo menos ler, escrever e contar - cujo ensino é visto como função da escola. Essa é por certo uma parte essencial do processo de socialização, e para podermos atuar plenamente aumentando nossas possibilidades como membro da sociedade devemos possuir essas habilidades. A Escola, portanto, possui uma tarefa muito mais importante, que é a de ajudar a criança a se preparar para assumir seu papel na sociedade. As escolas, são instituições que de forma geral aderem aos valores das sociedades em que se inserem e procuram transmitir esses valores aos seus alunos.

Neste processo de socialização na escola a criança aprende que em nossa sociedade as regras de convivência existem e devem ser cumpridas sob pena de punições, e que quando são efetuadas com êxito são recompensadas. Os professores tornam-se modelos sociais quando forem percebidos como profissionais competentes, bem informados, interessados na integração social dos alunos, hábeis na instalação de ambientes e condições propicias ao estudo e a aprendizagem.

Na nossa sociedade, grande parte da interação da criança com os companheiros da mesma idade ocorre no contexto de grupos organizados, o grupo de companheiros da escola é um deles. É importante salientar que a cada ano que a criança avança na escola, as outras crianças que a acompanharam de uma série para outra (seu grupo de companheiros) assumem uma importância capital para ela e suas opiniões e atitudes passam a ser cada vez

mais significativas.

Além dos aspectos organizacionais e interativos podemos considerar também os livros didáticos que através de suas mensagens e imagens são fontes difusoras de estereótipos. A literatura especializada em pedagogia tem se aprofundado nesta temática onde, por exemplo, estuda-se que apesar do povo brasileiro ser formado por várias etnias - negros, brancos, índios - os personagens são predominantemente brancos. O índio ainda é visto como pouco produtivo e com pequena participação na construção da vida social brasileira. As mulheres ainda aparecem estereotipadas como donas de casa. E nem sempre a literatura apresenta o negro de maneira simpática, como herói. Algumas vezes, eles aparecem como elemento engraçado, vadio, acomodado ou mau. A literatura tem contribuído para a formação de uma imagem do negro desvalorizada e quando muito benevolente, os negros aparecem, simultaneamente, como honestos e desonestos, estúpidos e espertos, preguiçosos e trabalhadores. Tais estereótipos contraditórios favorecem uma concepção do negro ambivalente e mesmo as expressões que procuram livrar individualmente o negro da falada falta de aptidão, inteligência de sua raça, demonstram, claramente, a avaliação inferida do branco em relação a ele. (Ferreira, 1999).

### **2.3 Aprendizagem Social**

O Behaviorismo trouxe contribuições significativas à investigação da aprendizagem social, que ainda são consideradas relevantes, a despeito da tremenda influência do Cognitivismo na Psicologia contemporânea. Admitindo que as explicações baseadas apenas em estímulos ambientais são inadequadas e insuficientes para explicar a conduta humana, apresentamos a Teoria da Aprendizagem Social formulada por Bandura, que postula que a conduta humana só pode ser entendida em termos de uma interação entre estímulos externos e cognições.

Assim, segundo Bandura (1977):

A teoria da aprendizagem social explica o comportamento humano em termos de uma interação recíproca, contínua entre determinantes cognitivos, comportamentais e ambientais. No processo de determinismo recíproco, está a oportunidade de as pessoas influenciarem seu destino e os limites da autodireção. Essa concepção do funcionamento humano, então, não lança as pessoas ao papel de objetos impotentes, controlados por forças ambientais, nem ao papel de agentes livres que se podem tornar o que quiserem a pessoa e o seu ambiente são determinantes recíprocos um do outro (p.7).

Bandura (1986) propõe que uma das maneiras das pessoas adquirirem habilidades e comportamentos é observar o comportamento dos outros. A aprendizagem observacional, ou modelagem, é um dos pontos centrais de sua teoria e tem estreita relação com os estudos de estereotipia.

Bandura tentou examinar o processo de modelação sob condições controladas de laboratório (Bandura, Ross e Ross, 1961, apud Rodrigues, 2000, p. 214). As crianças aprendem a falar como seus pais, através da imitação e de reforçamento. Os pais servem, portanto, como modelos para seus filhos. A modelação do comportamento é tão universal e familiar que em geral não a notamos, assim como não percebemos a enorme influência que ela exerce sobre o nosso comportamento.

No clássico experimento sobre agressão, Bandura estudou a forma pela qual as crianças aprendem a emitir comportamentos agressivos através da modelação do comportamento dos adultos. As crianças que participaram do experimento não apenas imitaram as ações dos adultos, mas também modelaram seu comportamento, generalizando-o para várias outras situações parecidas. Constatou também que quando as crianças viram um adulto ser reforçado por suas ações, pareceram ser mais propensas a imitar seu comportamento e ocorria o inverso quando o comportamento do adulto era punido. Bandura admitiu que tudo o que pode ser aprendido diretamente pode ser aprendido indiretamente, observando os outros. A aprendizagem por observações torna mais rápida a aprendizagem. Quando se usa o termo aprendizagem por observação, não se limita a resposta a algo idêntico ao apresentado inicialmente como estímulo. Em muitos casos as pessoas extraem regras e princípios gerais de comportamento que lhes permitem ir além do que



vêm e ouvem. No processo de aprendizagem por observação, as pessoas adquirem um grande número de respostas, como atividades físicas, papéis sociais e estereótipos.

As crianças aprendem a falar como seus pais, através da imitação e de reforçamento. Os pais servem, portanto, como modelos para seus filhos. A modelação do comportamento é tão universal e familiar que em geral não a notamos, assim como não percebemos em geral a enorme influência que ela exerce sobre o nosso comportamento.

Como vimos, a socialização e a aprendizagem social são os processos básicos na formação de estereótipos. Nestes processos, admitimos não sermos passivos, mas um ser humano que interage com o seu meio social de forma ativa e seletiva.

Estes fatores nos levam a concluir que de fato as discussões acerca de se os meios de comunicação de massa serem positivos ou negativos perde sua importância, ganhando força a ideia de que eles podem influenciar as nossas crenças, nossos estereótipos e atitudes acerca de objetos sociais nos quais recebemos informação.

A criança desde que nasce aprende acerca do mundo social que a circunda. É pela brincadeira que ela desempenha vários papéis, adota valores, critérios de preferência, opiniões, preconceitos e estereótipos para, deste modo, imitar os modelos sociais impostos pela família ou outras instituições.

Posteriormente, no Jardim de Infância e na Escola, os professores funcionaram como modelos culturais ao veicularem novos usos, costumes, opiniões, estereótipos, valores, etc.

No pátio da escola pelas brincadeiras a criança dá vida aos jogos, criando opiniões e estereotipando os colegas com crenças coletivas já assimilados. Através de novas realidades como: a informação difundida pela mídia e pelas diferentes experiências ela aprende a viver em sociedade.

Com a adolescência o jovem assimila outros estereótipos. Até a adolescência, o processo de aquisição e formação dos estereótipos era feito principalmente por inculcamento e, a conformidade era dada pela socialização primária, com modelos culturais identificativos, como os pais, professores, pais etc. Agora, na adolescência, pela socialização secundária, outros agentes de socialização com quem ele interage reconstroem uma outra

realidade da vida comunitária e social. É pela experiência vivida no processo de socialização que os estereótipos são aprendidos, acomodados e assimilados e depois integrados num determinado contexto cultural e sócio-histórico.

## **2.4 Os meios de comunicação Social**

A comunicação social faz referência ao fenômeno de transmissão ou intercâmbio de mensagens ao nível social. Em cada sociedade e época histórica gera uma forma específica de transmissões, assim como um conjunto de mensagens com formas e conteúdos específicos. Desta maneira, os meios de comunicação se referem a instrumentos utilizados neste processo. São veículos de comunicação e seu uso depende da sociedade. Não tem sentido discutir se a televisão é boa ou má; ela depende da função que possui no sistema social. Para cada época existem um conjunto de mensagens que fazem parte da cultura na qual se desenvolve o indivíduo. Percebemos várias mensagens estereotipadas acerca do papel do negro na sociedade brasileira, que também são transmitidos pelas telenovelas, onde, em geral, sua função é de um empregado ou como mau caráter.

Segundo Muniz Sodré (2001) dos 900 milhões de telespectadores existentes atualmente no mundo, 50 milhões pertencem ao Brasil, e para cada 100 horas de transmissão, há apenas 30 de assuntos brasileiros, ela já suplantou, em termos quantitativo, a imprensa escrita, o rádio, o cinema.

Vários seriados americanos, reforçam modelos de vida completamente alheios à realidade brasileira.

Numa vida social transformada em espaço acumulativo por estimulação de espírito individual de consumo, a mídia - a tradicional (imprensa escrita, rádio, televisão em circuito aberto) e a novíssima (tevé a cabo, internet) - confirma-se cada vez mais como agência de socialização em franca concorrência com antigas instituições, como família e escola (Sodré,2001).

O desenvolvimento da sociedade contemporânea tem tido como consequência uma troca no mecanismo de difusão e informação. As trocas nos sistemas de produção e as relações entre os seres humanos estabelecida em função deste processo tem levado ao desenvolvimento de novas formas de comunicação; fenômenos como a concentração de grandes grupos humanos em cidades, o abandono do campo, o desenvolvimento da tecnologia, entre outros,

incidem sobre os mecanismos de comunicação humana.

O desenvolvimento de uma tecnologia de comunicação, a formação de instituições especializadas e um complexo mecanismo de controle, produção e difusão são característicos da comunicação coletiva na atualidade.

O sistema de comunicação permite que muitos indivíduos reunidos ou dispersos possam receber de maneira permanente ou episódica o influxo de mensagens provenientes de uma ou várias fontes (indivíduos ou instituições), que utilizam um ou vários meios tecnológicos para aumentar o alcance da sua mensagem.

Os meios de comunicação como recursos tecnológicos permitem ampliar, conservar, reproduzir ou expandir crenças e estereótipos aos grupos onde eles cheguem. Eles também são mais efetivos em criar crenças acerca de assuntos sobre os quais não se tem nenhuma opinião anteriormente formada. (Oskamp, 1991).

A aceitação da mensagem difundida (crença) pelos meios de comunicação está diretamente correlacionada às características pessoais, ao tempo e à frequência da exposição do sujeito à mensagem. Nem todos os indivíduos recebem a mensagem da mesma maneira. Estas mensagens recebidas podem ser falsas ou verdadeiras acerca da realidade, e criar crenças e estereótipos, tais como crenças acerca das características de um povo com o qual não temos contato, como por exemplo que Iraquianos são violentos.

Lester (1996) em seu livro "Images that Injure: pictorial stereotypes in the media" apresenta a maneira como os estereótipos étnicos de gênero, de idade e outros são apresentados de maneira parcial e incorreta pelos meios de comunicação e aponta para a falta de responsabilidade de repórteres, jornalistas, fotógrafos, entre outros profissionais que perpetuam estereótipos que não correspondem a realidade.

Desde o início da vida para várias crianças, a televisão é uma importante influência socializadora, pois tem sido o primeiro contato com o que ocorre além da família. Antes de serem expostas à educação formal ou a seus pares, a televisão fornece informações e valores da sociedade. As crianças adquirem grande parte de seu conhecimento sobre relações, comportamentos sociais e estereótipos com a televisão. Elas aprendem com a televisão estereótipos acerca de adolescentes, mulheres, homens, minorias, pessoas idosas e muitos

outros grupos, inclusive autoestereótipos.

As pessoas aprendem a partir das informações retratadas nos meios de comunicação, especialmente quando tem pouco contato com o grupo retratado, assim, por exemplo, pais que conhecem poucos adolescentes usuários de drogas criam muitas de suas crenças sobre os usuários de drogas da televisão. Quando mudanças históricas acontecem na sociedade, as imagens da televisão normalmente se atrasam muito em retratar a mudança. Por exemplo, o Estatuto da Criança e dos Adolescentes foi criado há onze anos, passando o adolescente a ser um cidadão com seus direitos e deveres, porém esta imagem ainda não é retratada nos meios de comunicação.

Um outro aspecto relevante, atualmente, é o advento e a popularização da rede internacional de computadores (internet), que é um novo meio de comunicação com características peculiares ao qual pode-se atribuir algumas características: 1) é virtual, 2) recebe-se informações instantâneas de fatos que estão ocorrendo no momento do acesso à rede, 3) a interação com as outras pessoas através dos correios eletrônicos e das páginas de bate papo, 4) o sujeito pode fornecer informações que deseja sobre assuntos os mais variados sem identificar-se ou utilizando um pseudônimo, 5) muitos dos conteúdos apresentados não possui autoria ou a fonte da informação.

Sendo assim, a internet se mostra um meio propício para difusão de estereótipos positivos e negativos, como por exemplo, o trabalho de Pereira (1996) acerca de estereótipos étnicos onde a fonte de seus dados foi o *cyberspace*.

### **Referências:**

BANDURA, ALBERT. **Social learning theory**. Englewood Cliffs, N. J. Prentice-Hall, 1977.

\_\_\_\_\_. **The social learning perspective: Mechanisms of aggression**. In Toch, H. *Psychology of crime and criminal justice*. New York: Holt, Rinhart e Winston, 1979.

\_\_\_\_\_. **Social foundations of thought and action**. Englewood Cliffs, N. J.; Prentice-Hall, 1986.

FARR, R. M. **As Raízes da Psicologia Social Moderna**. Petrópolis. Vozes, 1998.

ENCYCLOPEDIA OF PSYCHOLOGY. **American Psychology-Association**, New York, Oxford, 2000

FREEDMAN, J., CARLSMITH, J. E SEARS, D. **Psicologia Social**. Ed.Cultrix, 1970.

International Encyclopedia of the Social Sciences, Vol.15. Ed.The Macmillan Company and the Fere Press, 1968.

KRÜGER, H. **Introdução à Psicologia Social**. Ed. Pedagógica e Universitária LTDA, São Paulo, 1986.

LINDZEY, GARDENER E HALL, CALVIN. **Teorias da Personalidade**. Ed. Herder, São Paulo, 1969.

NEWCOMB, N. **Desenvolvimento Infantil**. 8 edição. Porto Alegre, Artmed, 1999.

RODRIGUES, AROLDO. **Psicologia Social**. Vozes, Rio de Janeiro, 2000.

RODRIGUES, AROLDO. **Estudos em Psicologia Social**. Vozes, Rio de Janeiro, 1979.

SECORD P. F. e BACKMAN C. W. **Social Psychology**. Ed.McGraw-Hill, New York, 1964.

ROKEACH, MILTON. **Crenças, atitudes e valores**. Rio de Janeiro, Ed. Interciência, 1981.

SODRÉ, M. **O monopólio da fala, função da linguagem da televisão no Brasil**. 7a ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2001.

TAJFEL, HENRI. **Grupos Humanos e Categorias Sociais I**. Ed. Livros Horizonte, Lisboa, 1982.